

BALANÇO DO PLANO TECNOLÓGICO

4 anos de implementação

INTRODUÇÃO AO RELATÓRIO APRESENTADO AO CONSELHO CONSULTIVO

9 de Julho de 2009

PLANO
TECNOLÓGICO
PORTUGAL
A INOVAR...

RENOVAR A AMBIÇÃO

Nos últimos quatro anos o Conselho Consultivo do Plano Tecnológico realizou oito reuniões presenciais. Em todas as reuniões foi apresentado aos conselheiros um **balanço exaustivo da implementação e da evolução do Plano**. Esses balanços foram amplamente divulgados pela comunicação social e disponibilizados para consulta no 'site' do Plano Tecnológico.

Ao longo de quatro anos, a implementação do Plano Tecnológico foi efectuada em contextos conjunturais muito diversos. Foi no entanto sempre percebido pela equipa coordenadora e pelo Conselho Consultivo, que tratando-se duma agenda estrutural, o Plano deveria ter a flexibilidade suficiente para se enquadrar nos desafios de conjuntura, mas não deveria afastar-se das linhas de força para a **mudança estrutural** que o justificam e lhe dão sentido e oportunidade.

Não deveria afastar-se e não se afastou. Os **resultados recentes de progresso de Portugal em rankings internacionais de referência mostram que o esforço persistente está a dar os seus frutos**.

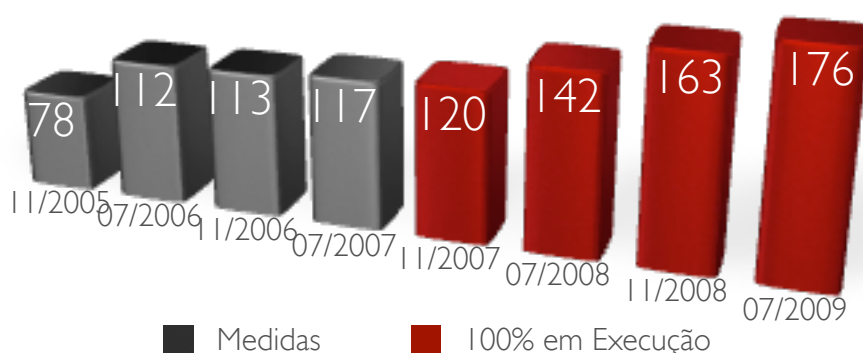
No sétimo conselho consultivo realizado em Novembro de 2008, a Coordenação do Plano Tecnológico foi instada pelos conselheiros a que o último Conselho Consultivo da legislatura fosse um momento de balanço e definição de **novos desafios**, renovando a ambição do Plano Tecnológico.

Desejamos dar uma resposta adequada ao desafio lançado. Ao fazê-lo queremos também sublinhar o trabalho empenhado, rigoroso e disponível desenvolvido pelos membros do Conselho Consultivo do Plano Tecnológico e da Rede de Pontos Focais que executa e acompanha a agenda no quadro dos diferentes Ministérios. Sem o seu contributo muito do que foi possível conseguir não o teria sido.

O relatório de execução a distribuir pelos conselheiros evidencia **176 medidas em execução**. Salvo raras excepções, trata-se de medidas com carácter de continuidade, a maioria projectadas no contexto do período de programação do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN 2007 - 2013).

Neste sentido a agenda do Plano Tecnológico, que será sujeita a uma prova de avaliação e legitimação democrática nas eleições legislativas de 27 de Setembro, pode ser ajustada e reorientada, mas tem uma

forte componente dinâmica que se projectará estruturalmente na economia e na sociedade portuguesa.



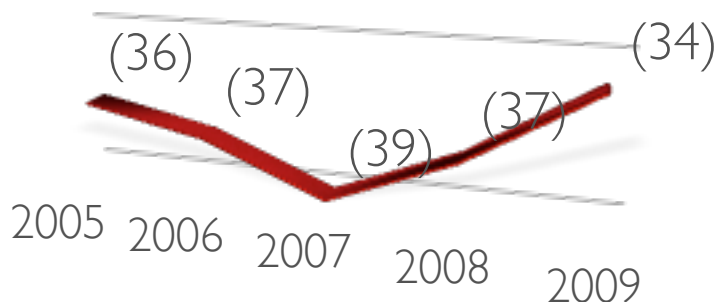
Foi neste quadro que entendemos a sugestão dos conselheiros do Plano Tecnológico para fazer da oitava reunião, um momento de **renovação da ambição**.

Portugal e os portugueses **enfrentam hoje com grande determinação uma forte crise global**. Uma determinação que tem permitido minorar alguns dos efeitos mais perversos da situação económica e começa já a permitir que surjam os primeiros indicadores de esperança e recuperação.

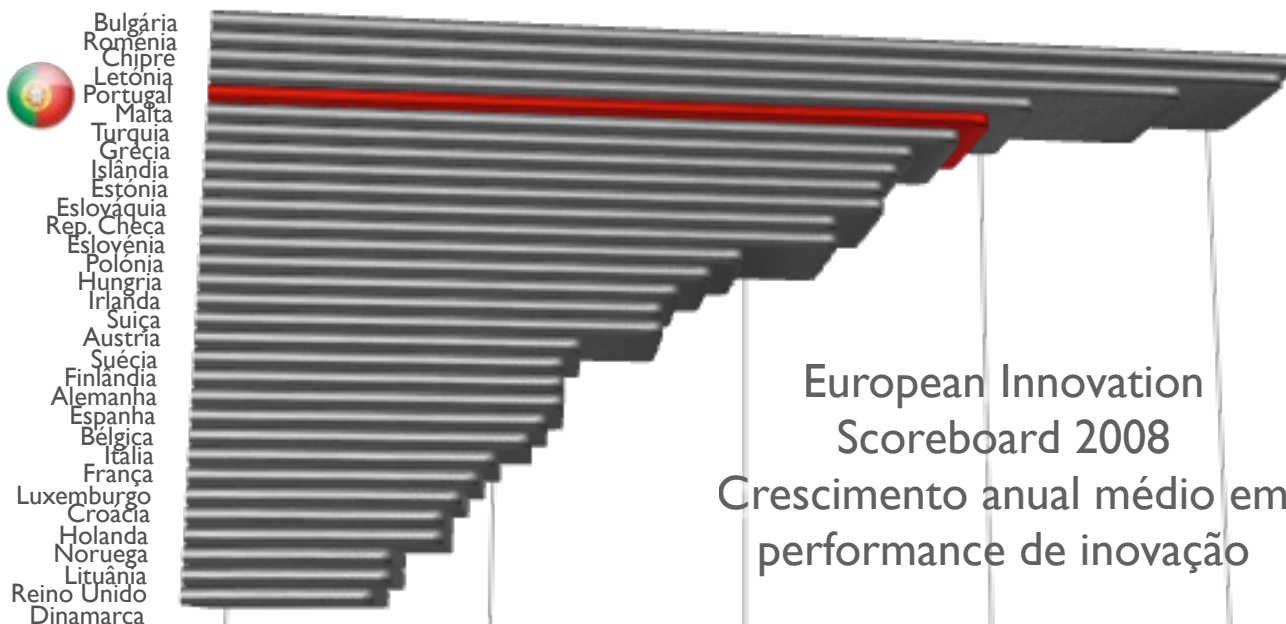
A opção pela implementação dum Plano Tecnológico, enquanto ideia política, compromisso de acção e agenda de mobilização da sociedade portuguesa, permitiu **melhorar a base competitiva da economia portuguesa** e fazer progressos relevantes na sua preparação para os novos desafios económicos e sociais colocados pela globalização.

No ranking de competitividade do *Institute for Management and Development* (IMD) Portugal posicionou-se entre os cinco países europeus que mais melhoraram a sua posição, integrando um grupo onde partilha a boa companhia de países de referência como a Finlândia e a Suécia e é também classificado como **o mais competitivo dos países do Sul**, à frente de Espanha, Itália e Grécia.

Posição de Portugal no WCY (IMD)



O *European Innovation Scoreboard* de 2008 (EIS2008) revelou que Portugal foi também **o quinto País da UE que fez mais progressos relativos na Inovação**, sendo mesmo o primeiro em índices cruciais como a qualificação dos recursos humanos e o investimento privado em investigação e desenvolvimento.



Neste importante quadro de avaliação **Portugal deixou a categoria dos países em recuperação** e passou para a categoria dos moderadamente inovadores, onde teve aliás o melhor desempenho relativo. Esta evolução não surge por acaso. Resulta duma visão clara, da focalização das políticas públicas e dum envolvimento determinado dos sectores mais dinâmicos da sociedade portuguesa.

A história económica ensina-nos que os países que conseguiram progredir consistentemente no **crescimento e da qualidade do emprego**, progrediram primeiro nos indicadores de inovação e de competitividade.

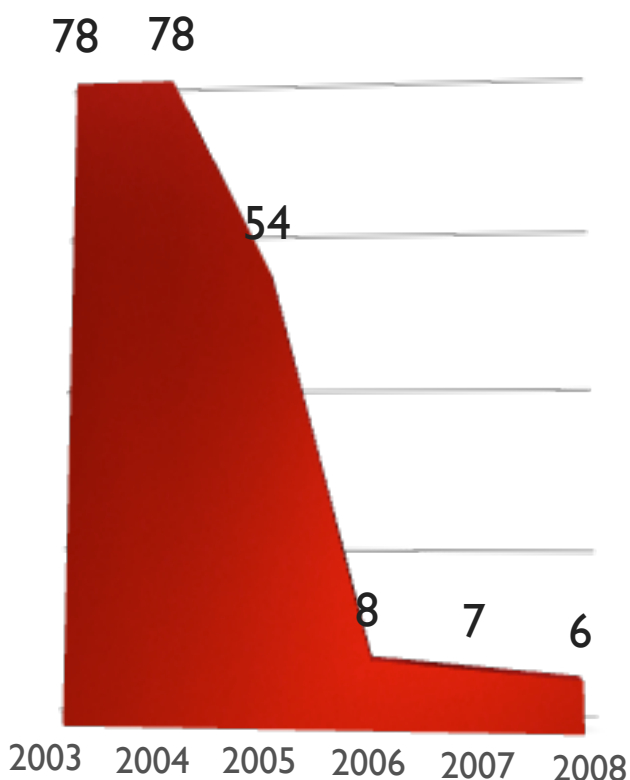
O Plano Tecnológico traduz a ambição de afirmar Portugal como **um País em rede** num quadro de Globalização em rede e como um País capaz de criar e disseminar novas soluções e novos conceitos.

As 176 medidas em implementação no quadro do Plano Tecnológico respondem a este desafio. São **medidas focadas no reforço das redes competitivas** e na qualificação do território, das empresas e das pessoas.

Depois de décadas de debate estéril nas suas consequências, Portugal tem hoje **onze pólos de competitividade e oito “clusters” reconhecidos**, cobrindo áreas tão decisivas como as tecnologias de informação e comunicação, as novas energias, a saúde, a moda, a mobilidade, os novos materiais, o agro-alimentar, o mar e o turismo, entre outras.

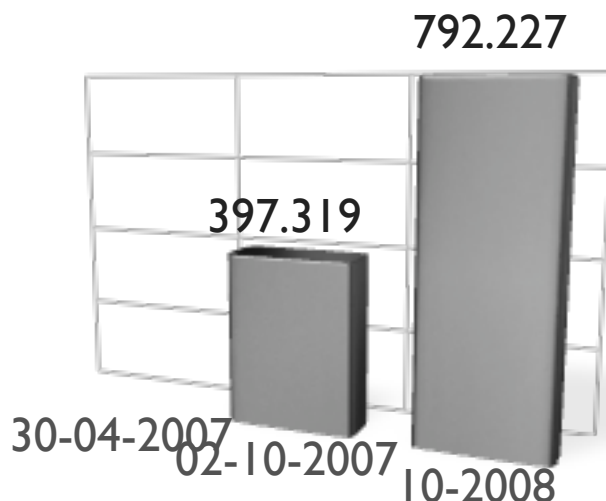


Dias para abrir uma empresa



Criou-se um ambiente para os negócios na fronteira do que de mais sofisticado existe à escala global. Em dois projectos pioneiros, a iniciativa **empresa na hora** permitiu criar mais de 70 000 empresas num tempo médio de 42 minutos, duplicou o número de empresas com acesso à banda larga e cerca de 800 000 aderiram ao modelo desmaterializado de comunicação da informação empresarial simplificada (IES).

Declarações IES entregues



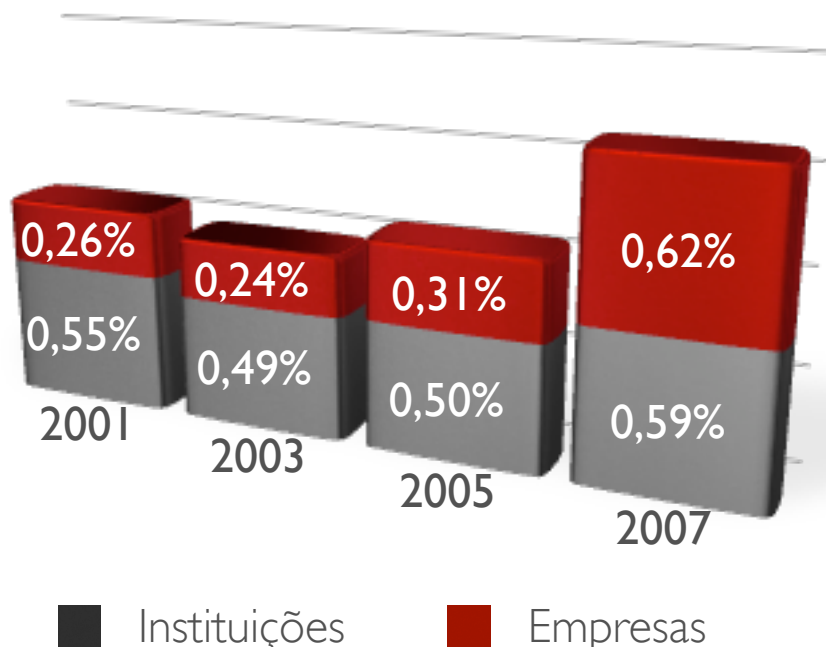
A **despesa em I&D** em Portugal representa globalmente, e pela primeira vez, **mais de 1,2% do PIB** nacional, igualando ou superando os níveis já atingidos por Espanha, Irlanda ou Itália.

O crescimento da despesa em I&D foi verificado tanto no sector público como no sector privado, mas foi especialmente significativo nas empresas, as quais mais que **duplicaram essa despesa nos últimos anos**. Foi pela primeira vez atingida uma despesa em I&D empresarial superior à soma dos outros sectores: universidades, Estado e instituições privadas sem fins lucrativos.

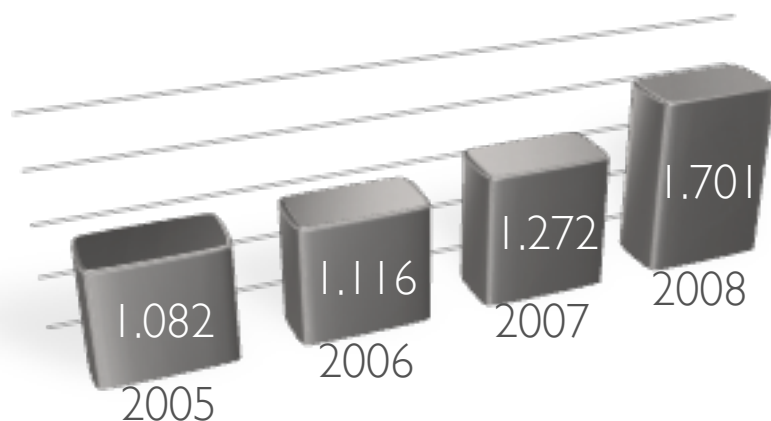
O **número de empresas com actividades de I&D duplicou** nos últimos quatro anos e mais do que duplicou entre 2005 e 2007, o número de investigadores a exercer funções em empresas, que são agora cerca de 10 000.

O aumento da despesa em I&D reflecte também a **prioridade dada ao desenvolvimento científico e tecnológico**, tendo sido acompanhado por um reforço do número de investigadores na população activa, o qual está próximo da média europeia, tendo passado de 3,8‰ em 2005 para 5‰ em 2007, ou seja um investigador por cada 200 trabalhadores, indicador se estima poder atingir 6‰ em 2009. O **número de investigadores em Portugal duplicou em dez anos**, e conta com cerca de 44% de mulheres. Portugal é hoje um dos raros países desenvolvidos em que há quase tantas mulheres como homens a trabalhar em investigação científica.

Despesa em I&D (%PIB)



Despesa pública em I&D (M€)



Foram registados cerca de **13.000 investigadores doutorados a trabalhar em centros de I&D** (medidos em termos de “equivalente a tempo integral”) em 2007, representando um aumento de 20% desde 2005. São atribuídas anualmente desde 2007 cerca de 2000 novas bolsas de doutoramento quase que duplicado este valor relativamente a 2005.

Foi concretizado um programa para a **contratação de 1000 investigadores doutorados**, reforçando a capacidade das instituições nacionais e a sua competitividade internacional, contribuindo também de forma decisiva para rejuvenescer o conjunto dos investigadores contratados por estas instituições.

Foi lançado um programa inovador de apoio a **cátedras convidadas** com co-financiamento por empresas a operarem em Portugal, tendo já sido lançadas 10 cátedras em áreas tão diversas como: biodiversidade, Energias Renováveis, Telecomunicações, Tecnologias de Informação, Inovação e Gestão de Operações. A produção científica nacional aumentou 18% nos dois últimos anos, medida em termos do número de publicações científicas referenciadas internacionalmente; Entre os 5 artigos científicos mais citados na UE, dois tinham a colaboração de autores portugueses.

Também nos últimos anos se regista um **forte aumento dos doutoramentos** realizados e reconhecidos por Universidades portuguesas, cerca de 1.500 novos doutoramentos por ano, dos quais cerca de metade nas áreas de ciência e tecnologia.

O **número de patentes portuguesas publicadas no registo europeu aumentou de 2,3 vezes desde 2005** (86 patentes em 2008), enquanto o número de patentes registadas nos Estados Unidos da América mais que triplicou de 2005 para 2008. Adicionalmente, o número de patentes nacionais submetidas por universidades e centros de investigação quase que triplicou desde 2005, tendo sido submetidas 139 patentes em 2008.

O desenvolvimento científico e tecnológico de Portugal foi ainda acompanhado por um processo de **crecente internacionalização das instituições académicas**, particularmente estimulado através de alianças estratégicas do País com instituições de grande relevância internacional (MIT, Harvard, CMU, Austin, nos EUA, e Fraunhofer na Alemanha, entre outras), apoiadas por programas de afiliação industrial.

Entre outros aspectos, em 2008/09, o **Programa MIT-Portugal envolveu um total de 154 alunos de doutoramento** nas áreas dos sistemas sustentáveis de energia e transportes, na aplicação de células estaminais e engenharia de tecidos à medicina regenerativa, assim como no desenvolvimento de novos produtos para sistemas de mobilidade e em equipamentos médicos. O **programa com a Universidade de Carnegie Mellon envolveu 40 estudantes de doutoramento** em aspectos emergentes das tecnologias de informação e comunicação e o programa de cooperação com a Universidade do Texas em Austin envolveu 50 alunos de doutoramento a trabalharem em conteúdos digitais interactivos, computação avançada e matemática.

O Programa de parcerias internacionais inclui ainda o desenvolvimento de **acções específicas de pós-graduação de elevado reconhecimento internacional**, com impacto na formação especializada de quadros superiores em Portugal e no desenvolvimento de núcleos de investigação, envolvendo as maiores empresas a operarem em Portugal.

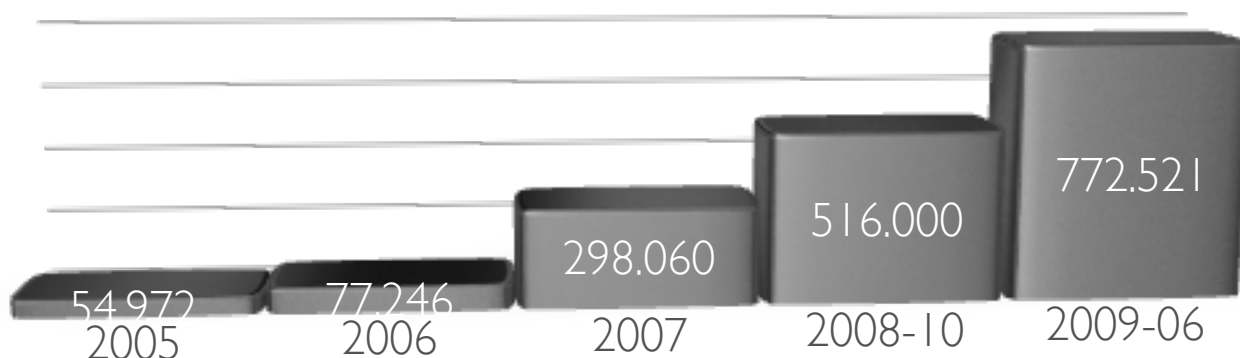
Com o MIT, foi lançado um programa conjunto de **MBA para a formação de gestores de topo**, iniciado em Janeiro que envolve um total de 77 alunos em mestrados executivos nas áreas dos sistemas sustentáveis de energia e transportes, assim como em desenvolvimento de produto e sistemas avançados de produção.

De forma análoga, o **programa com a Universidade de Carnegie Mellon já envolveu 32 estudantes em mestrados executivos** em engenharia de software, em redes e segurança de informação e comunicação e no desenvolvimento de conteúdos digitais interactivos.

Ainda no contexto do reforço e internacionalização da capacidade científica e tecnológica nacional, está em instalação o **Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia (INL)**, que será inaugurado em Braga ainda no Verão de 2009 e que deverá afirmar-se como instituição internacional de excelência.

Está também em Instalação em Portugal o **primeiro Instituto Fraunhofer na Europa fora da Alemanha**, “Fraunhofer Portugal Research”, na área das tecnologias de informação e comunicação, que ficará instalado no Porto, junto à Faculdade de Engenharia.

Inscritos nas Novas Oportunidades

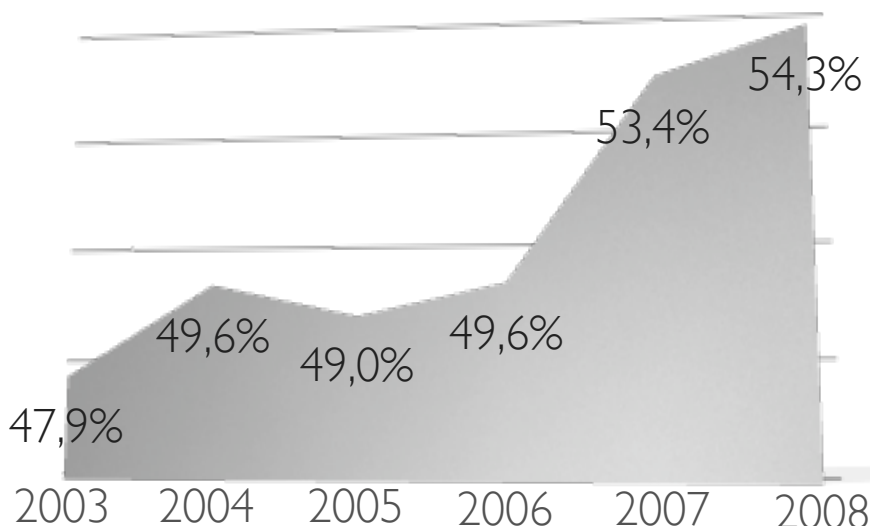


No domínio da qualificação dos portugueses múltiplas vertentes foram melhoradas. Deste logo a qualificação dos activos, com programas de grande fôlego como o “**Novas Oportunidades**” onde já foram requalificadas ou certificadas competências de mais de 200 000 portugueses e onde outros 800 000 estão a cumprir o seu processo de reconhecimento e validação, numa dinâmica apoiada na acção de cerca de 500 Centros de Novas Oportunidades.

Mas também a qualificação da administração pública, cuja reforma foi considerada uma referência pela OCDE e que no domínio da modernização tecnológica ocupa o **terceiro lugar no “ranking” da Comissão Europeia sobre a disponibilização e a sofisticação de serviços públicos on-line.**

Outros dados reforçam de forma impressionante o progresso feito nas qualificações e ajudam a explicar o reporte do EIS2008 ao colocar **Portugal como o País com mais progresso relativo entre os 27 da União.**

População 20-24 anos com Ensino Secundario (%)



Inverteu-se a tendência decrescente na admissão de alunos ao ensino superior e a entrada de alunos com mais de 23 anos (pela via das provas especiais de acesso) passou de apenas 551 em 2005 11.773 em 2008. Aumentou cerca de 30% o número de alunos inscritos no primeiro ano em cursos de ciências e tecnologias. Também de **cerca de 30% foi a redução do abandono precoce da escolaridade** no ensino básico e secundário.

A ambição de afirmar Portugal como **um país rede num mundo em rede** implica um reforço claro do potencial de integração e conexão. Integração e Conexão significam capacidade de comunicação num idioma “franco” como o inglês, bom domínio da língua materna e da matemática e fácil acesso a computadores e às redes de banda larga, bem como a estágios e intercâmbios fora do território nacional.

O progresso feito por Portugal neste domínio é considerado uma boa prática global. O **inglês atingiu praticamente a totalidade dos alunos do primeiro ciclo** e os resultados em matemática e português melhoraram substancialmente.

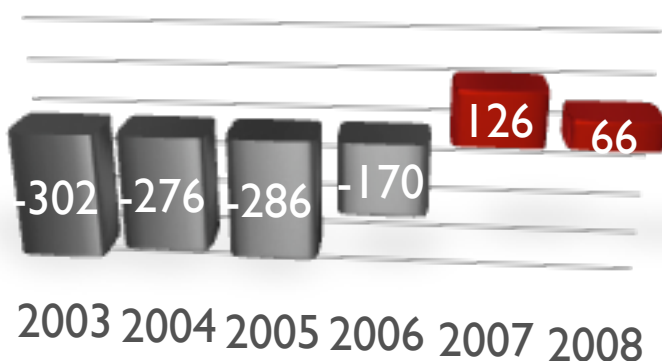
Quase um milhão de computadores foram distribuídos no âmbito dos programas e.Escolas e e.Escolinhas a estudantes, docentes e trabalhadores em formação

profissional. Um ambicioso Plano Tecnológico da Educação está a fazer das nossas escolas ambientes de aprendizagem de referência na modernidade e na inovação. Portugal tem hoje uma das maiores taxas de penetração de banda larga móvel do mundo e é o País com mais computadores portáteis por mil habitantes.

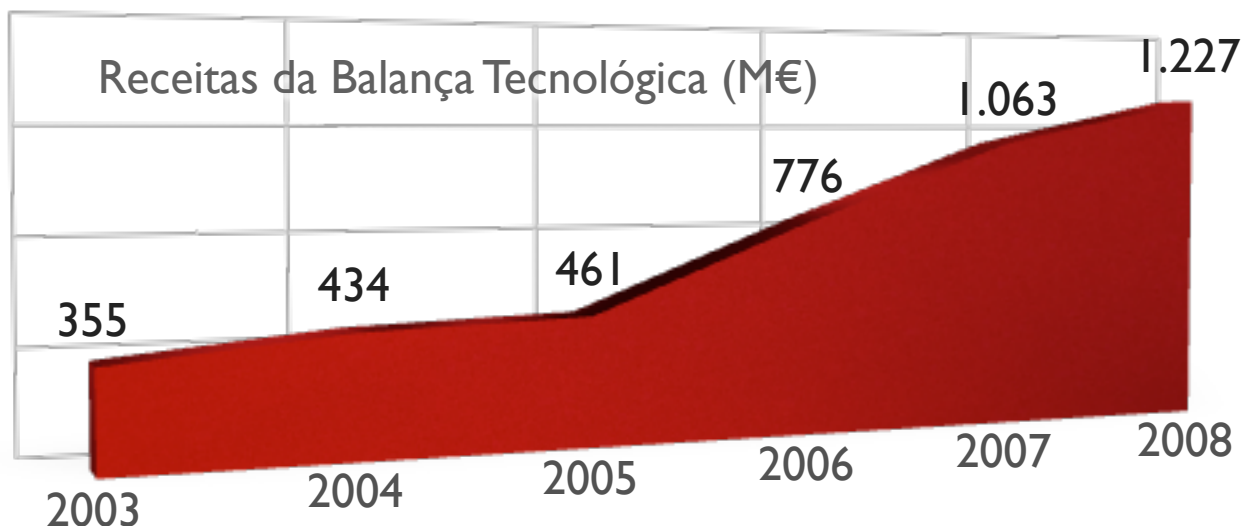
Todos estes números de execução teriam pouco significado se não tivessem iniciado um percurso de viragem do perfil competitivo da nossa economia. A **inversão da balança tecnológica,**

que foi positiva consecutivamente e pela primeira vez desde que há registos em 2007 e 2008, é um sinal dessa viragem.

Saldo da Balança Tecnológica (M€)



2003 2004 2005 2006 2007 2008



Sinais de viragem são também os exemplos de capacidade de empresas portuguesas **disseminarem no mercado global novos conceitos**, em domínios como as tecnologias para a educação, o controlo de fronteiras, a telecontagem, a gestão de grandes superfícies comerciais, a logística ou a internet das coisas.

Portugal é hoje referência global em domínios tão críticos como as **redes de nova geração** ou as **energias renováveis**. Em consequência diversas empresas globais têm sido atraídas para instalarem centros de competência em Portugal.



O repositório de conhecimento, tecnologia e capacidade inovadora é hoje muito mais forte em Portugal do que era em 2005. Isso aumenta a responsabilidade e o desafio. A Agenda do Plano Tecnológico é uma agenda vencedora e uma agenda que se projecta no futuro como **uma Agenda da sociedade portuguesa para a competitividade** inclusiva e sustentável.

O mundo mudou e a economia global também. A crise exige novas respostas e novas agendas. As variáveis da competitividade são hoje ainda mais complexas do que no passado porque têm que incorporar novas garantias de sustentabilidade. **Ser competitivo não é um fim, mas um meio para promover a inclusão, o emprego e a qualidade de vida.**

O carácter estrutural do Plano Tecnológico não o dispensa de dar **contributos significativos para enfrentar dificuldades de conjuntura**, como é o caso da contracção do Produto Interno Bruto e da pressão negativa da crise internacional sobre as Exportações e sobre o Emprego. Os programas de **recuperação do parque escolar**, de modernização tecnológica das escolas, de promoção da **mobilidade eléctrica**, de **generalização das redes de fibra óptica**, de criação de **linhas de crédito para PME** que totalizam mais de 3000 Milhões de Euros e foram utilizadas por 30 000 empresas, de **requalificação de equipamentos de saúde e de protecção social**, de estímulo à produção e consumo de **energias renováveis** ou de dinamização do **mercado social de emprego**, são exemplos de respostas fortes à crise conjuntural, cruzando impacto imediato com perspectiva estrutural de mudança.



Portugal desenvolveu nos últimos anos um **intenso esforço de modernização tecnológica e qualificação das pessoas, das empresas e dos territórios**. Com este esforço fizeram-se progressos notáveis na eficiência e na integração e simplificação de processos em domínios críticos como a modernização administrativa, a ciência, a educação, a saúde, a justiça, as qualificações, as redes competitivas, a segurança, a inclusão digital ou o apoio às empresas. Os planos tecnológicos sectoriais tornaram-se instrumentos activos de racionalidade e focalização das políticas públicas com um elevado impacto.

Este é um esforço que tem que continuar e que permite ambicionar a **concretização duma agenda para a competitividade de nova geração**. Portugal é um país de média dimensão, com uma localização periférica em relação ao continente europeu, mas dispendo duma centralidade forte numa perspectiva euro-atlântica. Tem por isso que reforçar a aposta no desenvolvimento de parcerias e na promoção comunidades de conhecimento numa perspectiva global e com foco no desenvolvimento de novos produtos e soluções.

Com o Plano Tecnológico, uma agenda transversal para o crescimento e a competitividade, Portugal deu um passo importante na integração das políticas públicas e na mobilização dos actores privados. **O caminho percorrido permite ir agora mais longe** e estruturar um Sistema Nacional de Inovação ainda mais articulado e focado e adequado aos desafios dos novos tempos.

O desenvolvimento dos pólos de competitividade e dos clusters, as parcerias internacionais e a promoção da investigação em consórcio conduziram as relações entre as universidades a as empresas em Portugal para um novo patamar de cooperação. Com a colaboração de todos iremos ainda mais além. Universidades e Empresas para além de cooperarem têm que se envolver cada vez mais em projectos comuns de investigação, desenvolvimento de produtos ou inovação em mercados e na sua fidelização.

A sofisticação dos serviços públicos online para empresas atingiu os 100% em Portugal. O sistema financeiro é sólido e diversificado e as infra-estruturas tecnológicas e físicas têm um elevado padrão de qualidade. Portugal tem consolidado a sua posição nas avaliações internacionais de atractividade para os negócios, permanecendo como pontos mais vulneráveis as condições e regras de licenciamento, a morosidade do sistema de justiça e as regras do mercado laboral. São áreas onde com empenho e diálogo aberto importa continuar a trabalhar para implementar soluções de elevada qualidade e equidade.



A redução do peso da indústria e dos bens e serviços transaccionáveis na formação da riqueza constitui uma das maiores fragilidades do modelo macroeconómico e da sustentabilidade da economia portuguesa. Por isso importa **desenvolver e aplicar medidas que favoreçam uma re-industrialização de nova geração**.

A capacidade de empreender, criar negócios sustentáveis, fomentar projectos e gerir percursos de vida é uma competência essencial para os jovens do século XXI. Portugal tem uma taxa de capacidade empreendedora elevada, mas importa qualificá-la e fazê-la subir na cadeia de valor. Para isso importa continuar a apostar numa **reforma do modelo formativo**, garantindo o desenvolvimento das competências para um empreendedorismo sustentável, de forma permanente em todo o percurso escolar e de aprendizagem ao longo da vida.

Estamos a assistir ao desenvolvimento dum **novo padrão de globalização em rede** em que cada País ou território disputa uma posição não descartável nas cadeias de valor. Sem prejuízo de ter que aproveitar todos os nichos de oportunidade, a economia portuguesa para reforçar a sua competitividade tem que afirmar lideranças sectoriais relevantes.

É fundamental continuar a apostar fortemente em criar condições para que em sectores como as energias renováveis, a mobilidade sustentável, a floresta, o turismo ou os serviços de valor acrescentado, Portugal consolide a ambição de estar na fronteira da liderança. Com uma economia aberta e fortemente interconectada, o equilíbrio macroeconómico e o crescimento potencial de Portugal depende fortemente da sua capacidade exportadora. Para além de continuar a apostar na diversificação de mercados e na subida na cadeia de valor, **importa reforçar e integrar os instrumentos que permitam fazer do País uma plataforma exportadora** com elevada eficiência e capacidade de penetração nas redes logísticas globais.

A **afirmação de Portugal como centralidade e país atractivo para pessoas e negócios** e a **aposta forte na liderança tecnológica** nos domínios da mobilidade sustentável e das energias limpa consolidaram uma imagem de marca e uma prática consistente como país de referência na inovação e na recuperação de padrões elevados de sustentabilidade ambiental.

O sucesso desta agenda implica não uma nova mentalidade, que essa faz parte da nossa matriz cultural consolidada ao longo de séculos, mas **uma nova atitude**. País de gente criativa e com talento, Portugal é também uma nação em que demasiados colocam essa criatividade esse talento ao serviço da não solução dos problemas ou do não aproveitamento das oportunidades.

Fazer com que os portugueses sejam cada vez mais consistente e competentemente empreendedores, **colocando o seu talento e a sua criatividade ao serviço da modernização e da competitividade do País** é a chave para o sucesso da agenda transformadora do Plano Tecnológico.

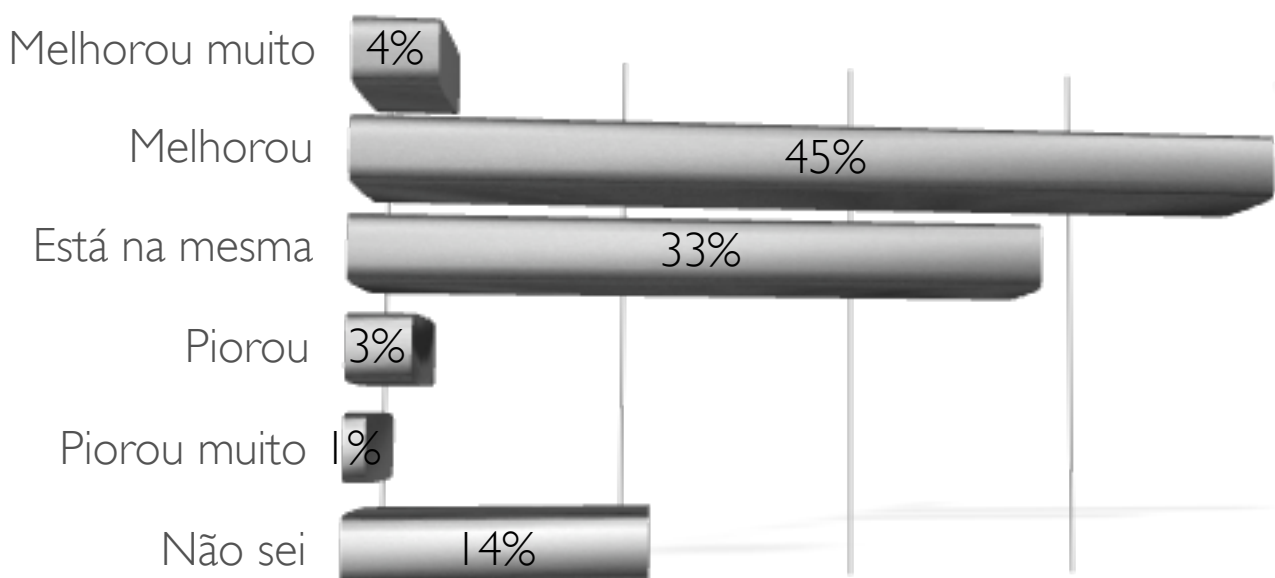
Sem ela não haveria a motivação para mudar. Com ela e com os resultados já obtidos, **faz sentido acreditar e renovar a ambição**.

Carlos Zorrinho

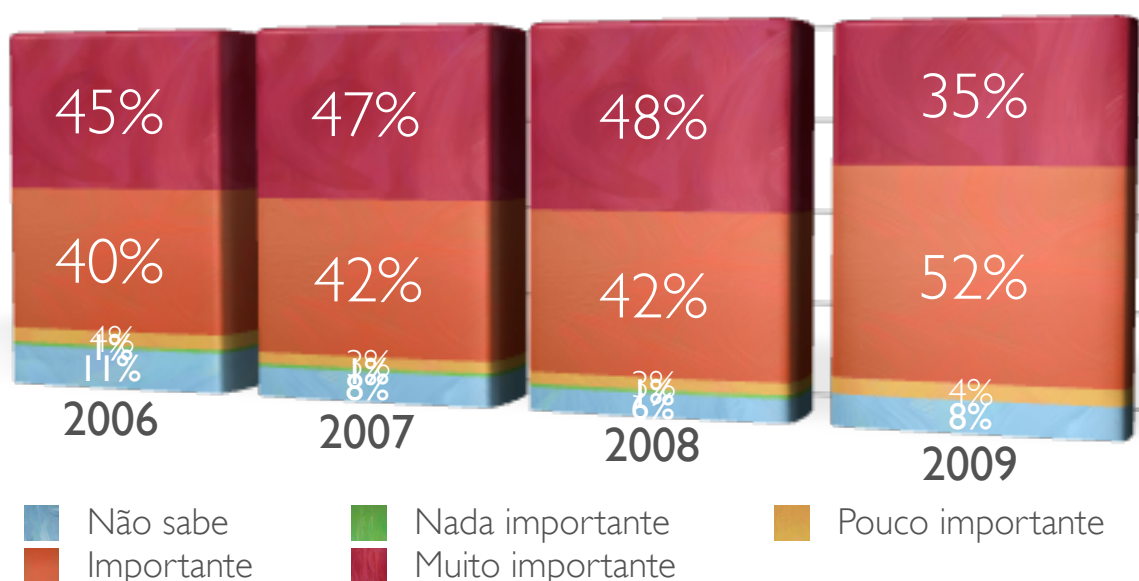
Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico

ESTUDO NETSONDA PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Ao longo do último ano, a sua avaliação sobre o Plano Tecnológico...



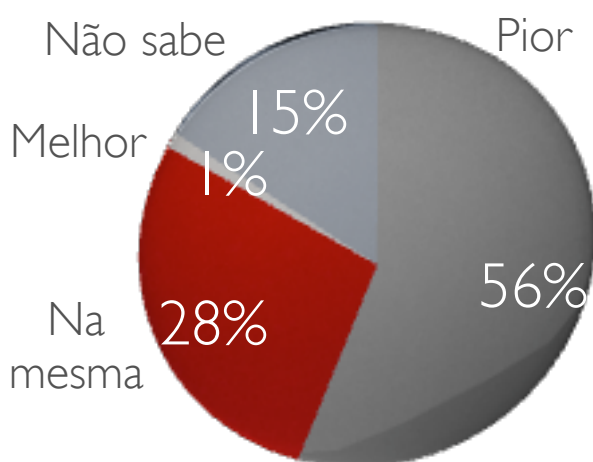
Na sua opinião, o Plano Tecnológico é...



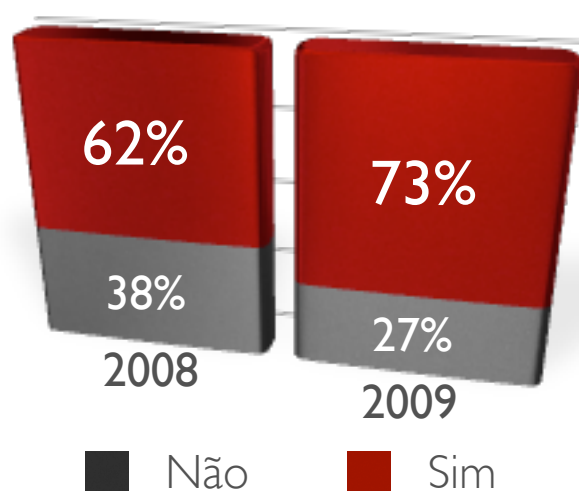
Ficha Técnica: 853 entrevistas recolhidas online (CAWI) recorrendo ao Painel de Utilizadores Registos da Netsonda que conta com mais de 44.000 indivíduos. O trabalho de campo realizou-se entre os dias 11 e 20 de Maio de 2009. Os dados foram ventilados pelas variáveis sócio-demográficas mais relevantes, como sexo e escalão etário.

ESTUDO NETSONDA PRINCIPAIS CONCLUSÕES

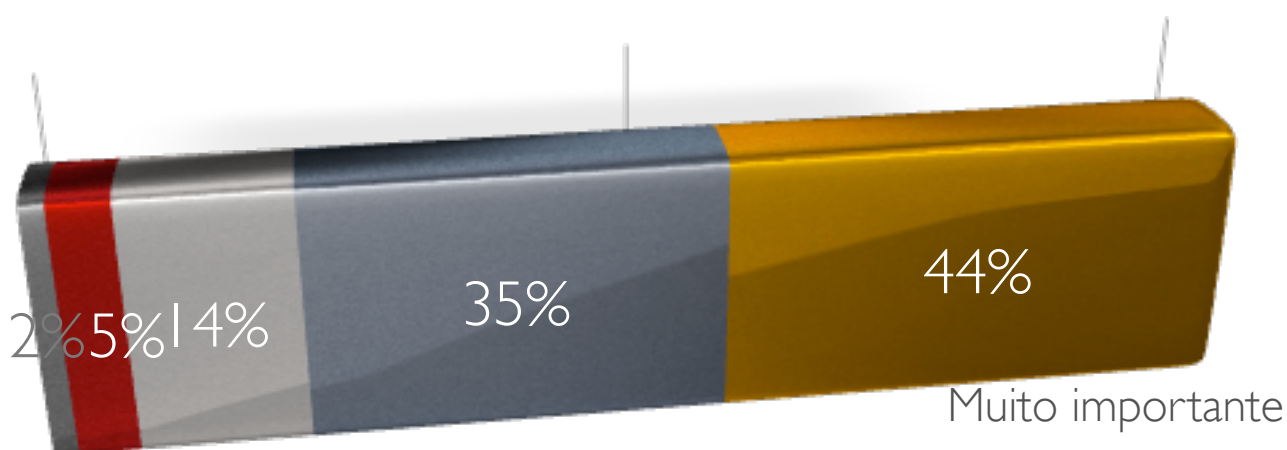
Sem o Plano Tecnológico,
Portugal estaria...



Já sentiu efeitos do
Plano Tecnológico
no seu dia-a-dia?



Como avalia as iniciativas e-escola?



Nada importante

Ficha Técnica: 853 entrevistas recolhidas online (CAWI) recorrendo ao Painel de Utilizadores Registados da Netsonda que conta com mais de 44.000 indivíduos. O trabalho de campo realizou-se entre os dias 11 e 20 de Maio de 2009. Os dados foram ventilados pelas variáveis sócio-demográficas mais relevantes, como sexo e escalão etário.

MEMBROS DO CONSELHO CONSULTIVO DO PLANO TECNOLÓGICO

- Prof. Alberto Castro (Director, Universidade Católica do Porto, 22 619 6294)
- Prof. Alexandre Quintanilha (Professor, Universidade do Porto, 22 607 4911)
- Dr. António Amorim (Presidente, Amorim Cortiças, 22 747 5756)
- Eng.º António Bernardo (CEO, Roland Berger, 21 356 7614)
- Prof. António Câmara (Presidente, Y-Dreams, 21 294 9683 / 21 0314000)
- Prof. António de Sousa (Senior Advisor, JP Morgan, 21 351 5400)
- Dr. Nuno Amado (Presidente Executivo, Banco Santander Totta S.A., 21 370 5771)
- Dr. Artur Santos Silva (Presidente, BPI, 22 607 3100)
- Dr. Carlos Melo Ribeiro (Presidente, Siemens Portugal, 21 417 8281)
- Dr. Eduardo Costa, (Vice presidente, Banco Finantia, 21 720 2022)
- Dr. Emílio Rui Vilar (Presidente, Fundação Calouste Gulbenkian, 21 782 3294)
- Dr. Filipe de Botton (CEO, Logoplaste, 21 485 8552)
- Prof.ª Helena Nazaré (Reitora, Universidade de Aveiro, 234 370 002)
- Eng.º Ilídio Pinho (Presidente, Fundação Ilídio Pinho, 22 605 76 13)
- Prof. João Abel Peças Lopes (Professor Associado, INESC, 22 209 4230)
- Prof. João Caraça (Director, Serv.º de Ciência, Fund.º Calouste Gulbenkian, 21 782 3525)
- Prof. João Ferreira do Amaral (Professor, ISEG, 21 392 5997 / 21 392 2823)
- Dr. Jorge Armindo (Presidente, Amorim Turismo, 21 356 8341)
- Comendador Jorge Rocha de Matos (Presidente, AIP, 21 360 1091)
- Prof. José Fiadeiro (Director Geral, Grupo Paulo de Oliveira, 27 597 0100)
- Dr.ª Leonor Beleza (Presidente, Fundação Champalimaud, 21 356 8160)
- Eng.º Ludgero Marques (Presidente do CA, Grupo CIFIAL, 256 780 103)
- Dr. Luís Nazaré (Presidente do Comitê de Estratégia, CTT, 21 355 3511)
- Dr. Luís Portela (Presidente, Bial, 22 986 6150)
- Eng.º Manuel Ferreira Oliveira (COO, Galp Energia SGPS, SA, 21 724 0544)
- Prof. Manuel Santos Silva (Reitor, Universidade da Beira Interior, 275 319 002)
- Prof.ª Maria João Rodrigues (Consultora, ISCTE, IEEL, 21 030 6700)
- Prof. Miguel Beleza (Consultor da Administração, Millennium BCP)
- Dr. Murteira Nabo (Presidente, Galp Energia SGPS, SA, 21 724 2508)
- Eng.º Paulo Azevedo (CEO, Grupo Sonae, 22 010 4703)
- Dr. Paulo Morgado (CEO, Cap Gemini, 21 412 2328)
- Dr. Paulo M. Ramos (CEO, Softlimits, 21 1125408)
- Dr. Paulo Teixeira Pinto (21 323 3911)
- Dr. Ricardo Salgado (Presidente, BES, 21 3150749)
- Sr. Rodrigo Costa (CEO, Zon, 21 782 4744)
- Prof. Rogério Carapuça (Presidente, Novabase, 21 383 6389)
- Prof. Daniel Bessa (Director Geral, COTEC, 22 619 2910)
- Prof. Vitor Corado Simões (Professor, ISEG, 21 392 5880)